



## ENVELHECIMENTO FEMININO: GÊNERO E MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO DE MULHERES CEARENSES

*Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquit\**

### RESUMO

Este artigo revela aspectos das mudanças de comportamentos entre gerações de mulheres cearenses e a diferença de papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres. Baseando-se numa pesquisa empírica com mulheres de idade entre 60 e 70 anos, solteiras, oriundas das camadas médias urbanas de Fortaleza – Ceará, com ensino universitário e profissões definidas, elas revelaram aspectos de uma educação machista, bem como rupturas e continuidades com antigos papéis a elas destinados. A mudança mais evidente apontada na pesquisa é a importância, nas suas trajetórias de vida, de constituírem uma das primeiras gerações a possuírem ensino universitário, trabalho e aposentadoria. Essas conquistas refletem na liberdade vivenciada pós-60 anos, ilustradas em suas narrativas através dos novos projetos de vida e lazer.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Gênero. Mudanças de Comportamento. Trabalho Lazer.

### INTRODUÇÃO

As mudanças no envelhecimento têm sido evidenciadas nos últimos 40 anos, tanto pelo aumento do número de pessoas com idade superior a 60 anos quanto pelo fenômeno em si, que denotam uma metamorfose nesse processo. A primeira consideração é que envelhecer é um processo comum a todos os indivíduos, mas vivenciado de maneiras heterogêneas de acordo com a cultura e a sociedade na qual se vive.

A minha pesquisa teve como perspectiva o envelhecimento de mulheres com o determinante de pertencer a uma cultura com aspectos bem singulares, qual seja, a nordestina. Elas moram em Fortaleza, capital do Ceará, e a maioria é oriunda do interior do Estado. Em seus relatos, vou tecendo uma rede de significados de como foi a elaboração do *ser* mulher, constituído ao longo de sua existência, desde a tenra infância até a velhice. Neles descubro questões assentadas na divisão sexual dos

---

\* Doutora em Sociologia – Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora da FAMETRO. Pesquisa financiada pela Capes. Email: [paulafbam@gmail.com](mailto:paulafbam@gmail.com)

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



gêneros, que define papéis sociais orquestrados para a mulher na sociedade cearense.

Ter nascido mulher significou, desde cedo, cuidados de si que a diferenciava do homem. Ela tinha que preservar a virgindade para ser considerada “direita”, e para conseguir um bom casamento. A vida estava organizada para ser esposa, ter filhos, cuidar da nova família. Sopram, contudo, os ares da modernidade, trazendo consigo a articulação entre essa família *idealizada* e uma formação profissional que fosse administrada com as demais funções.

Foi assim que as mulheres cearenses entraram nas Universidades, tornando-se profissionais e depois trabalhando fora de casa. Ainda que esse emprego não significasse a independência da mulher dentro do casamento, em virtude de serem profissões de baixos salários, mas no envelhecimento essas aposentadorias voltadas para o autossustento têm promovido pequenas e grandes revoluções para elas.

A independência depois dos 60, a partir de uma aposentadoria planejada, permitiu que elas revissem seus projetos de vida voltados para o trabalho pós-aposentadoria e também ganhou importância o lazer, dando um salto quantitativo na qualidade de vida.

Elas passaram a vivenciar um novo estilo de vida motivadas pelas transformações comportamentais nesse momento de suas vidas: passaram a viajar com amigas para vários países, expandindo seus conhecimentos e cultura; a frequentar a noite fortalezense de terça-feira ao domingo, constituindo uma teia de relacionamentos e afetos; bem como, a exercer atividades de trabalho mais diferenciadas: agora só trabalham meio expediente ou em atividades voluntárias, levadas à sério em seus cotidianos.

## 1 As mudanças comportamentais da mulher na contemporaneidade

A primeira constatação que evidencia as mudanças comportamentais vivenciadas por elas foi que, quando ainda moças, entraram nas universidades e tiveram praticamente os mesmos direitos dos rapazes. Esse é um marco que



diferencia antigos códigos de conduta do atual. A entrada das mulheres nas universidades está estreitamente atrelada à mudança estrutural da sociedade brasileira.

Embora tenham seguido carreiras predominantemente vinculadas ao cuidado com o outro, consideradas eminentemente femininas, como professoras, assistentes sociais e enfermeiras, elas compreenderam sobremaneira o sentido que a formação universitária tinha para sua geração. Assim, Conceição, 65 anos, me explica sua trajetória de estudos e trabalho:

Eu comecei profissionalmente no magistério, como as mulheres da minha geração eram preparadas para serem professoras e mães de família. Muito bem, mas em toda vida tive uma cabeça assim de viver além do meu tempo, eu sempre fui além. Eu nunca fui aquela pessoa acostumada a viver dentro dos costumes do momento, eu sempre dei um passo pra frente. Então aos 22 anos, eu saí daqui e fui para São Paulo. Eu já tinha entrado na Faculdade de Direito mas era professora do ensino fundamental aqui em Fortaleza. Fui para São Paulo ser bancária porque não consegui entrar no magistério paulista. Fui ser bancária e como bancária que eu financiei o final de minha faculdade lá em São Paulo e aí comecei a viver da profissão de advocacia. Trabalhei 10 anos como advogada lá, mas num dado momento, em virtude de problemas familiares, eu retornei aqui a minha terra e chegando aqui os primeiros convites foram para eu retornar para a questão do magistério. Aí aceitei de bom grado porque é da minha família isso. A minha mãe tinha sido professora a vida toda, o meu marido era professor e eu fui e entrei de cabeça. (CONCEIÇÃO, 65).

Conceição é um bom exemplo dessas mulheres que são as primeiras a possuir uma graduação, mas também a reivindicar a mudança do lugar que era naturalmente destinado a elas, a saber, os caminhos do magistério. Arend (2012) afirma que

Paulatinamente, o saber escolar deixou de ser um privilégio dos meninos. Porém, enquanto vários desses meninos continuavam seus estudos até galgarem o diploma universitário, um número significativo de jovens mulheres até os anos 1950, mal conseguiam concluir o ensino secundário. As que seguiram em frente nos estudos quase sempre optavam pelas carreiras profissionais consideradas femininas, ou seja, o magistério e a enfermagem. (P.72).

Minha interlocutora conseguiu romper com o caminho do magistério ainda que para isso precisasse se sustentar como bancária, profissão historicamente masculina. Ao retornar para o Ceará, foi logo recolocada em seu lugar original, o de



professora. Embora não esteja desconsiderando a subjetividade de cada trajetória, bem como a dimensão individual da tomada de decisão, mas o cenário social e cultural que a recebe de volta, a insere no lugar que considera por excelência feminino: o de cuidar.

Uma abordagem mais promissora é pensar que foram diversas e consistentes as mudanças no código que rege as relações entre os sexos. Elias (1997) afirma que, nos últimos cem anos foi consumada uma mudança radical. Para ele, uma prova disso é

De todas as mudanças nos padrões de formalização ou informalização e no equilíbrio de poder entre as gerações que ocorreram no decorrer desse século, uma das mais perceptivas é o recrudescimento de poder das mulheres jovens e solteiras. (P.51).

A tomada de decisões e de regulação passa a concentrar-se nas mãos das mulheres jovens e detentoras de grande poder, o que denota o relaxamento do código de comportamento e sentimento. Ouso afirmar que esse recrudescimento do poder não está apenas nas mãos das jovens, mas das mais velhas também. Ainda que nas trajetórias femininas percorridas por meio dos discursos, observe diversas continuidades com antigos modelos.

Essa mudança traz outra que difere essa geração das anteriores, qual seja, as mulheres passaram a ter uma profissão e administraram (ou não) com os casamentos adquiridos. Enquanto as mulheres das gerações anteriores tinham que ficar em casa cuidando dos filhos depois de casadas, aquelas não tiveram que abrir mão do trabalho para ter filhos ou maridos, e conseguiram administrar os dois lados. Essa é a “dobradinha infernal” definida por Del Priore (2000) como: “sacrifícios da mulher quando ela quer conciliar seus papéis familiares e profissionais. Ela é obrigada a utilizar estratégias complicadas para dar conta.”(P. 12-13). Assim, a mulher hipoteca a vida familiar ou sacrifica seu tempo livre que seria para o lazer em nome de organizar essa astuciosa bricolagem.

Foi possível compreender que, depois dos filhos se tornarem adultos e as obrigações principais já terem escasseado, restou pela primeira vez para as entrevistadas a liberdade de manter as próprias escolhas. Essas mulheres trabalharam desde cedo, algumas ainda com 16 anos, e o trabalho deu um novo

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sentido aos seus cotidianos. Até mesmo o trabalho adquirido pós-aposentadoria é essencial para esse momento da vida. Com efeito, a chegada aos 60 anos não teve impacto grande, segundo elas, porque, após se aposentarem, continuaram trabalhando, ainda que com uma carga reduzida.

A liberdade conquistada ao longo dos últimos 50 anos, advinda dessas mudanças estruturais na sociedade ocidental, configura um dos valores centrais de suas vidas, hoje. Essas transformações podem ser ilustradas pelos seguintes fatores interligados: lazer e aposentadoria.

## 1.1 Projetos de vida das mulheres pós-aposentadoria

A chegada da aposentadoria, dá uma reorganização dos projetos de vida das mulheres, antes voltados para a família, o trabalho, e determinados afazeres dos quais agora se sentem liberadas, e são estabelecidas negociações em torno da sua condição recente e daquele que seria seu grande projeto de vida. O envelhecimento faz com que as pessoas mudem o projeto de suas vidas, então, o que passa a ter importância?

As mulheres que pesquisei revelaram a importância desses novos projetos: desde a busca de qualificação profissional depois da aposentadoria, ou aquelas que possuem novos trabalhos para se manterem na “ativa” (sic), como aquelas que devotaram o seu tempo para os cuidados físicos, espirituais e emocionais.

Para algumas mulheres que se aposentaram, isso não significou abalo na sua vida, pois dizem ter passado toda a vida fazendo tantas coisas, inclusive cuidando da família, que agora o foco é em si mesmas, estão interessadas em suas necessidades e são menos altruístas. Os caminhos que traçaram para o envelhecimento se caracterizam em interesses de cunho mais individual, assim observados: experiências que privilegiam o aprendizado – por exemplo, ao falarem das especializações feitas pós-aposentadoria por sentirem necessidade de continuarem “na ativa”, ou ainda cursos de línguas, artesanato etc; cultural – assistindo/atuando em peças, cinema e concertos, bem como do forte relato de viagens como forma de movimentação de suas vidas, de sociabilidade, e de

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



conhecimento; trabalhos de um só expediente, voltados para atividades que já tinham interesse em se dedicar, e agora o fazem de uma maneira mais “leve”.

É assim que Conceição narra sua vida pós-aposentadoria, sem um projeto de vida específico, mas composta de atividades pessoais de que ela se beneficia sem o menor constrangimento.

Me aposentei acho que com 53, 54 anos, porque eu completei os 30 anos e houve um momento em que teve um problema na empresa que eu trabalhava, então eu achei melhor pra mim me aposentar, junto com os colegas. [...] Tive outros convites para trabalhar, mas eu comecei a achar tão bom ficar em casa, porque desde os 18 anos que eu trabalhava, trabalhando e fazendo faculdade e criando os filhos, educando os filhos, e ajudando o marido e não sei o quê, que quando chegou esse momento eu disse: ‘acho que agora tá na hora de dar uma parada, vou fazer coisas que sempre gostei de fazer e não tinha tempo’. Fiquei em casa um ano, depois quando me chamavam eu dizia ‘quero não, tá tão bom assim, vou não!’. Aí pronto, não voltei mais. Meus filhos dizem ‘mamãe você é tão nova ainda. Tem certeza que quer ficar em casa?’ Respondo: ‘Eu quero, porque eu não tô parada.’ Eu sou uma pessoa que gosto das coisas da minha casa, gosto de costurar minhas roupas, gosto de bordar, eu gosto de ler, gosto muito de ler, leio demais, eu gosto de televisão, do *face* (facebook), de dançar demais, de namorar, eu gosto de tudo, entendeu? Eu pensei, eu vou assumir um compromisso que vai ficar tolhendo minha liberdade novamente? (CONCEIÇÃO, 65).

Poder-se-á supor que as mulheres trabalharam muito ao longo de sua vida, seja trabalho remunerado ou atividades não pagas, a exemplo das domésticas ou voluntárias, logo se sentem cansadas. Ao se aposentarem, não vivenciam crise alguma, porque para elas a sensação que possuem hoje é de dever cumprido; a exemplo de Conceição que, além dos trabalhos remunerados, agregou outras tarefas como educar os filhos, cuidar do marido e isso escasseou o tempo que tinha para si. É assim que Pinsky (2012) descreve as mulheres dos anos 1960, que viveram a transição de dois modelos, o da dona de casa e da mulher profissional, modelos que se confundiram e muito do velho permaneceu no novo, assim revelando:

O modelo tradicional da dona de casa foi sendo aos poucos depreciado, relegado as “mulheres incultas”, senhoras mais velhas, “matronas gordas”, “esposas bibelô” ou “bonequinhas de luxo”, em oposição ao ideal da “mulher realizada profissionalmente”, “dona do próprio nariz” e com interesses culturais. Agora, a mulher deve trabalhar mesmo que não haja necessidade econômica, que o marido ganhe bem ou que ela seja uma rica herdeira. O trabalho evita que a mulher seja “sugada pela futilidade” e lhe permite dialogar de igual para igual com o homem construindo relacionamentos pessoais sob novas bases. (P.533).

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Por conseguinte, esse era o novo modelo a seguir, no qual as mulheres precisavam ser polivalentes, como diz a autora. Agora, que estão livres das atribuições domésticas, priorizam usar o tempo livre em seu benefício. Pensar em regras e horários não lhes convém mais, pois preferem fazer os próprios. É nesse momento que quem decide os rumos de sua vida são elas mesmas e que optam por usufruírem dos espaços de sociabilidade da Cidade com amigas de sua geração para passear, dançar, namorar, enfim, dedicarem-se a si mesmas.

Metade das minhas interlocutoras, no entanto, construíram o seu projeto de vida focado na qualificação profissional e/ou nos novos trabalhos. Esse era um antigo sonho, cotejado há anos, mas só possível com o tempo de que dispõem agora.

[...] Também, depois que me aposentei, fui fazer dois cursos de especialização. Achava que tinha que melhorar meu currículo. Foi gostoso. Eu morria de preguiça de estudar. Até assim, acho que bobeei. Na minha instituição, (quem trabalhava antes de se aposentar) se você se aposenta com diploma x tem aumento de salário, isso eu não pensei não, mas depois senti necessidade. Foi legal a especialização, eu adorei. Fiz novas amizades, a cabeça pra funcionar. Agora 'tou' mais quieta, 'tou fora do mercado, deixa pra lá [...] É, agora que tenho tipo de vida de aposentada e legal porque você tá assim com saúde ainda, me aposentei com 50 anos, ainda muito nova. Ainda com disposição. (VERÔNICA, 65).

A especialização, além de ocupar o tempo, é fonte de conhecimento, de “sentir-se ativa” e de sociabilidade. Mesmo para aquelas que não buscaram uma formação acadêmica após se aposentarem mas procuraram outras áreas, como teatro, artesanato ou curso de línguas.

Para algumas mulheres, como não conheceram a vida sem trabalho, não conseguem ficar longe dele. Decidem continuar trabalhando depois de aposentadas, mas em um ritmo mais leve, apenas um período do dia. É o caso de Isabel, 62 anos, que relata seu trabalho iniciado quando ainda era adolescente aos 14 anos, mesmo seu pai tendo alto cargo do Governo Federal e tendo a possibilidade de não trabalhar; mas para ela isso não era opção, pois dizia que fazia parte do seu temperamento. Desde cedo desejava ganhar o próprio dinheiro, afinal “queria crescer”, sobretudo, porque esse também era o modelo da nova mulher. E aí

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



evidencia-se, mais uma vez, a diferença de outras épocas, e das mudanças nos padrões e nos códigos de conduta: ela queria crescer com as “próprias pernas”(sic), não mediante um casamento que lhe trouxesse privilégios financeiros.

O trabalho passa a ter um outro sentido pós-aposentadoria. Serve para mantê-las em circulação, fazendo novos amigos, informando-se, afinal, ele se consolidou como parte de suas vidas. Na interessante biografia de Jane Fonda (2012), que discute o seu processo de envelhecimento, ela diz que, como as mulheres de sua geração não esperavam estar vivas aos 80, tudo adquire um novo significado. Mesmo porque, “antes, a maioria de nós era definida pelos outros – os maridos, os filhos, os pais, os empregos. Chega então o momento em que passamos a nos definir sozinhas.” (p.78)

Verônica, 65 anos, aposentada, mantém um discurso similar:

Sou assistente social aposentada desde 96. Trabalhei um tempo depois em projetos. Depois de me aposentar, trabalhei ainda uns dez anos mais ou menos, independente, com consultoria. Primeiro numa empresa, depois já independente em projetos [...] Eu trabalhei nisso uns 10 anos de 96 a 2006. Depois que minha filha teve o primeiro filho, que hoje são dois netos, então comecei a ir mais à São Paulo para ver meus netos enquanto são pequenos, daqui a pouco eles crescem e eu perdi esse pedaço. Eu queria tá disponível pra viajar umas quatro vezes por ano e ficar com os nenês quando nascessem, aí eu parei de trabalhar. De vez em quando aparece uma coisa. Mas tem os intervalos que você tem que inventar o que fazer. Não vivo só pra curtir neto, então o tempo que tô aqui em casa, tenho que inventar o que fazer.

A aposentadoria não significou parar de trabalhar, continuou a buscar desafios e novos empreendimentos. O conforto de ter um emprego de poucas horas, fruto de um capital cultural acumulado ao longo de anos de trabalho e estudos, fez com que pudesse adquirir um trabalho mais flexível. A relação com a família também muda. Ela quer acompanhar o crescimento dos netos, fazer parte dessa troca familiar, mas, ao mesmo tempo, foge da responsabilidade por eles; ou seja, do modelo da velhice voltada para os cuidados exclusivos com os netos. Além do que o seu tempo também é voltado para viajar quatro vezes ao ano para conhecer outras culturas, em países diversos. Ela revela que não troca essa liberdade por nada no mundo!

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



## 1.2 O lazer como fonte de liberdade

A velhice, especialmente a feminina, compreendida como algo escondido da sociedade, ficou para trás. Hoje, há um contexto diferenciado de visibilidade desses sujeitos. Embora assumam determinados *points* da Cidade como seus, elas denotam uma quebra com os modelos convencionalmente destinados a elas, tais como o de pertencer aos grupos de orações das igrejas, as festas familiares e de amigos – esses ainda são lugares de referência – mas deixaram de ser o espaço por excelência de sociabilidade.

O lazer faz parte de toda a vida humana, independentemente da idade que se tenha. Para Elias (1985), é uma renovação emocional diante da vida ordinária com tantas lutas sérias e constrangimentos. E é sobre esse lazer que estou refletindo. Aquele como forma de estimular as emoções, permitindo que essas mulheres se revigorem de uma vida mais dedicada às atividades ‘sérias da vida’. É fundamental e está diretamente ligado aos passeios, mais com as amigas do que com a família. Para grande parte delas, esse é um bom momento em suas vidas, pois o tempo que possuem é investido, quase que totalmente em seus interesses!

Mesmo ainda possuindo demandas familiares, muito se diferenciam das mulheres quando são mais jovens que possuem uma série de atribuições que as impedem de vivenciar plenamente as suas vidas. Goldenberg (2013) diz que “a última idade é muitas vezes uma liberação para a mulher, que, submetida durante toda a vida ao marido e dedicada aos filhos, poderia, enfim, preocupar-se consigo mesma.” (P. 51) E insiste, ainda em que, nas suas pesquisas recentes, elas dizem que se trata da melhor época de suas vidas, mas não porque estão velhas, mas por terem a liberdade de fazer o que bem entendem!

Elas libertam-se das aflições que as mais jovens ainda têm com relação à busca de sucesso profissional, com as questões eminentemente familiares, os cuidados com os filhos são menores ou nenhum e, na divisão do tempo, sobra mais para elas. Esse lazer é rico e, de fato, as mulheres têm aproveitado muito suas velhices. Vera explica qual o sentido de lazer para ela e narra seu estilo de vida no auge dos 68 anos:

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



[Lazer é] Música, cinema e viagem. Música a toda hora, onde entro eu boto: no meu rádio, boto no meu carro, eu vivo muito em função da música. Pode ser brega, chique, uma coisa assim, principalmente nessa última fase que tô te falando. Na outra fase, eu não tinha muito tempo pra dedicar ao lazer, era uma viagem uma vez por ano, um cinema uma vez ou outra com uma amiga porque o meu marido não gostava. Nessa época, eu não sentia falta, estava muito focada nessa outra coisa, o casamento e o trabalho.

Para mim o lazer é algo que vai contribuir para o meu equilíbrio. Eu não consigo mais viver naquela racionalidadezinha bem do trabalho, eu agora preciso do trabalho, sinto que eu preciso de companhia desses grupos, pois tenho vários grupos. Eu saio sistematicamente, toda semana, ou com sobrinho, ou com minha irmã ou com amigos. Frequento todos os espaços da cidade: restaurantes, pré-carnaval vou pra todos os botecos, pois tenho um sobrinho que é médico e me leva. Jantar, eu tenho um casal que ela é minha aluna e a gente sai pra jantar quase toda semana e vai pra restaurantes, Lô Bistrô etc. Têm as amigas do Rotary que gostam do Bar do Papai, aí eu vou também. (VERA, 68).

Como Vera mesma diz, ela “circula” em toda a Cidade. Vai para todos os lugares mais badalados e famosos de Fortaleza. Tem muitos amigos do trabalho e do Rotary, outros de longas datas, alunos que a chamam para sair, assim, mesmo tendo enviuvado, nunca está sozinha! A importância das amizades, para as mulheres que estão envelhecendo, é grande! Muitas vezes, da família guardam-se rancores, apreensões e um distanciamento da intimidade. Já para as amigas tudo pode ser dito e compartilhado! As amigas sempre são evidenciadas em seus discursos, sendo para algumas melhor do que uma companhia masculina. Ou, ainda, são suas companhias!

Isabel é uma dessas mulheres que possui uma rede de amigas que completam a sua vida. Ela acabou um relacionamento há dois anos, com um homem que ela sentia ser o seu grande amor de uma vida. Com ele viajava muito, vivia “com o pé na estrada”; contudo com o sofrimento que ainda parece sentir por essa perda, são as amigas sua grande alegria!

A liberdade é um valor de grande importância para essas mulheres, justamente porque elas sabem quanto custa não tê-la. O trabalho delas foi sobretudo o primeiro passo para o começo da sua liberdade. Enquanto os relacionamentos as seguravam, as prendiam nos afazeres domésticos, o trabalho, e agora, o envelhecimento, as libertava! A liberdade das mulheres passa pela sua

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



independência financeira. E hoje, com seus filhos fora de casa, casamentos desfeitos, ou a viuvez aparece como a retomada de suas vidas independentes de filhos e homens.

Ao envelhecer, elas conseguiram juntar um capital que lhes permite usufruir de suas vidas de um jeito que não sabiam fazer antes, com viagens para lugares exóticos, passeios só com as amigas, tomar cervejinha nos bares etc. Esses são hábitos recém-adquiridos, contudo de frequência assídua.

O papel das viagens para elas tem um lugar especial no ato de envelhecer! Significa que têm liberdade de ir e vir, desprendendo-se de uma vida anterior cheia de compromissos diários, rotinas, agendas que não dispunham de tempo para elas. Hoje a viagem ocupa um papel central em suas vidas:

Tenho viajado sistematicamente. Profissionalmente, por ano, dá umas 6 viagens, para seminários, congressos etc. Fora isso faço viagem de lazer com o pessoal do Rotary, ou com amigas ou ainda com alunas. Então viajo uma vez por mês. O Rotary faz muito passeio de companheirismo.[...] Hoje posso dizer que tenho mais lazer que trabalho. Segunda, terça e quarta, eu tô concentrada no meu trabalho, e sexta, sábado e domingo, não trabalho. (VERA, 68).

A viagem é um signo de prestígio. Verônica, que já viajou para Marrocos, Turquia, Japão, dentre outros países, conta que tudo é interessante: desde o “antes”(sic) que é a compra dos guias, ler sobre o país que vai visitar, a seleção dos lugares que tem que conhecer, tudo isso produz grande excitação nela e em suas amigas, havendo uma energia despendida com o planejamento; o “durante” é a viagem propriamente dita, direcionada para conhecer o “lugar e sua cultura” que, para ela, tem efeito de enriquecimento de conhecimento; e o “depois”, que é o retorno com revelação de fotos, contar para as pessoas o que conheceu, e já começar a selecionar e planejar a nova viagem. A viagem tem o sentido de “aproveitar a vida” e, para determinadas interlocutoras sua vida pós-60 gravita a esta órbita.

Britto da Motta (1999) diz que “o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos” [é que] estes ficam mais “realistas” ou mais dominados pela “ideologia da velhice”, enquanto elas se deixam levar pelo

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



entusiasmo dessa “liberdade” recém-conquistada e se tornam ativas, meio triunfalistas.”(P.211) A autora diz, contudo, que essa é uma “estranha liberdade” pela sua dupla valência:

[...] como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver conforme a sua vontade; mas como liberdade geracional e, sobretudo, existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair porque já não importam tanto; já não serão bonitas (velho=gasto, feio), não irão atrair os homens – nem os da sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar. (P.213).

Essas mulheres namoraram, casaram e hoje estão separadas ou enviuvaram. A experiência que tiveram deixou marcas, denotou perdas de um tempo em que eram mais jovens e não tinham liberdade. Só saíam acompanhadas dos maridos e, caso permitissem, e isso gerou um discurso pautado no ressentimento. Assim, a juventude é que foi para elas um tempo de perdas. A velhice é um período de ganhos, de liberdade de viajar, de passear, frequentar lugares antes impensáveis, como cinemas, teatros, *shows* etc. Os maridos preferiam ver futebol com os amigos, ir a churrascos e praia. “Não sou mais obrigada a ir a churrasco, que eu detesto, ou à praia, que eu não tô afim” – dizia a minha interlocutora sobre sua vida hoje.

## CONCLUSÃO

Decifrar essa nova geração de mulheres, em processo de envelhecimento, requer olhar para trás e compreender o caminho traçado até o momento no qual protagonizam uma “novidade” no envelhecer. Foi decisivo o fato de elas terem adentrado nas Universidades e conquistarem o lugar das mulheres nessas instituições, bem como da acelerada entrada no mercado de trabalho.

O recorte da pesquisa foi feito intencionalmente com mulheres que tivessem uma graduação, fossem solteiras, oriundas das camadas médias urbanas, pois queria observar o impacto de ter uma profissão e uma aposentadoria nos seus envelhecimentos. Como mostro, essa mudança foi significativa!

Essas mulheres investem o tempo da velhice em seus projetos pessoais, seja dando continuidade a formação profissional, empregos de meio expediente, seja

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



viajando ou experimentando a Cidade. Claro está, que esse quadro reflete um envelhecimento que detém um corte de gênero, de classe social, dentre outros aspetos. Não se pode ignorar que a velhice chega de modos diferentes de acordo com o contexto social em que se vive.

O lazer e as viagens são outro ponto que denotam a diferença! Em Fortaleza, há um verdadeiro *CircuitodaTerceiraldade*. Fiz um mapeamento das redes de sociabilidade que mostra que de terça-feira a domingo, existem festas em estabelecimentos desse circuito, como bares, clubes ou restaurantes. Nesses lugares, há desde dançarinos profissionais pagos por dança, como ambientes propícios para o encontro e a paquera.

As pesquisas na área dos estudos feministas e de gênero, precisam retratar, cada vez mais, os aspectos ligados ao envelhecimento, pois ele traz consigo muitas reflexões que precisam ser interpeladas nesse presente desafiador. Essa é a grande “novidade”: as mulheres com mais de 60 não estão mais vivendo exclusivamente no âmbito doméstico, devotando-se aos cuidados com os netos, mas elas têm um mundo de descobertas pela frente. E ainda têm muito tempo!

## REFERÊNCIAS

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRITO DA MOTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu* (13), 1999. (P.191-221).

DELPRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FONDA, Jane. **O melhor momento**. Aproveitando ao máximo toda a sua vida. São Paulo: Paralela, 2012.

